

LINA BOFF

EVANGELHOS

FONTE DE ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

LETRAPITAL



LINA BOFF

EVANGELHOS

FONTE DE ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

LETRAPITAL



Copyright © by Editora Mensageiro de Santo Antônio e Lina Boff
Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Conselho Editorial
Frei Wilmar Villalba Ortiz
Frei Aloísio de Oliveira
Frei Everson Garcia

Diagramação
Ricardo da Cruz Silva

Revisão
Alessandra Biral

Edição eletrônica, 2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B661e

Boff, Lina, 1936-

Evangelhos: fonte de espiritualidade cristã [recurso eletrônico] / Lina Boff. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital ; Santo André [SP] : Mensageiro de Santo Antônio, 2021.

Recurso digital ; 6 MB

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-89925-20-0 (recurso eletrônico)

ISBN 978-85-65323-15-4

1. Bíblia - Meditações. 2. Espiritualidade. 3. Vida cristã. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

21-72659

CDD: 248.4

CDU: 27-584

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MENSAGEIRO DE SANTO ANTÔNIO
Rua América do Sul, 235 - Pq Novo Oratório
09270-410 - Santo André - SP
www.omensageiro.org.br

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels.: (21) 3353-2236 / 2215-3781

vendas@letracapital.com.br

www.letracapital.com.br

SUMÁRIO

Apresentação.....	05
Para que serve este livro?.....	07
• Parte primeira - Como concebemos a pessoa humana.....	09
I. A concepção bíblica de vida.....	10
II. O Êxodo do povo de Israel.....	15
III. Isaías fala do Segundo Êxodo.....	22
IV. Jesus realiza o Êxodo da Glorificação.....	26
• Parte segunda - Os Evangelhos como manuais de espiritualidade cristã.....	37
I. Traços da comunidade de Marcos.....	39
II. Traços da comunidade de Mateus.....	48
III. Traços da comunidade de Lucas-Atos dos Apóstolos.....	60
IV. Traços da comunidade em João.....	73
• Parte terceira - O seguimento nos ditos de Jesus.....	83
I. Vida e seguimento em Lucas.....	84
II. Os ditos proclamados por Jesus.....	87
• Parte quarta - A experiência latino-americana e caribenha.....	99
I. A intuição do Espírito em nosso povo.....	100
II. Um sínodo marcante.....	103
III. A marca da <i>Lumen Gentium</i>	104
A modo de conclusão geral.....	106
Referências.....	107

APRESENTAÇÃO

O desejo de espiritualidade é um dos traços mais característicos de nosso tempo, quer no âmbito das religiões, incluindo a cristã, quer na esfera da sociedade em geral. Por espiritualidade, entende-se essencialmente a experiência do mistério divino. Se a teologia quer entender Deus, a espiritualidade quer senti-Lo. Tal sentir se dá pelo encontro pessoal com Ele. Trata-se de uma comunhão de coração a coração, de espírito a Espírito.

O que está, pois, aí em questão na espiritualidade, como sugere o nome, é o espírito do ser humano, sua interioridade profunda, sua subjetividade mais íntima. É, mais precisamente, o espírito do ser humano imantado e plenificado pelo Espírito divino.

Em verdade, a espiritualidade é a alma de toda religião. Esta possui sua fonte primeira em uma experiência fundadora, portanto, em uma espiritualidade inaugural. Toda religião vive em seguida de tal experiência, comemorando-a em seus “mitos e ritos”. De fato, a espiritualidade constitui o olho de sua fé. Ela efetivamente não passa de uma fé vivida de modo intenso, de uma fé cultivada a propósito.

Em todos os tempos e em todas as religiões, houve os profissionais da espiritualidade, que constituíam em verdade os professores do Espírito. Na tradição cristã, foram chamados de *pneumatikoi* (em grego) e de *spirituales* (em latim). Contudo, nota-se hoje que a busca de espiritualidade é geral. Ela cresce principalmente entre os leigos. Mais, em nosso tempo, até mesmo irreligiosos se interessam por espiritualidade, de tal forma que se fala em “espiritualidade secular” ou “laica”.

Na Igreja, em particular, são os agentes pastorais que mais pedem por espiritualidade. Por isso, este livro vem bem a propósito. Sem dúvida, a espiritualidade tonifica o agir evangelizador, assim como compromisso social. Mas não é principalmente em função disso que se busca espiritualidade. Seria tratá-la de modo instrumental, portanto, degradá-la.

Não, a espiritualidade, na medida em que busca a comunhão de amor com o Pai no Cristo pelo Espírito, é autofinalizada. Como o amor, ela vale por si mesma. Mas, também como o amor, não deixa de ser sempre fecunda, derramando imprete-riavelmente luzes e energias sobre todos os âmbitos da existência humana: familiar, eclesial e social.

Para atender à demanda dos leigos e das comunidades eclesi-ais em geral, Irmã Lina, com toda a perspicácia, centrou seu foco nos textos da Sagrada Escritura. Nada mais acertado. Vale ressaltar que, para os cristãos, a Bíblia sempre foi a grande fonte geradora de espiritualidade. Os Salmos, em particular, geraram comentários riquíssimos dos padres da Igreja, entre os quais se destacam os es-critos de Santo Agostinho de Hipona (354-430).

A Igreja – mas isso se pode dizer praticamente de toda religião – vive de espiritualidade como de seu oxigênio. E a oração, con-densação prática de toda espiritualidade, é seu coração pulsante. As outras funções eclesiais, como a pregação, o compromisso social, a teologia e mesmo a liturgia, podem todas declinar. Mas, se há ora-ção, a Igreja continuará respirando e acabará mesmo por recuperar o que estava decaindo.

Damos, pois, as boas-vindas a iniciativas com esta da Irmã Lina, pois vem fomentar o que é mais vital para a Igreja e para o mundo: a presença de Deus e de Sua graça bem-aventurada.

Fr. Clodovis M. Boff, OSM

Para que serve este livro?

Em primeiro lugar, este livro serve para nos dar uma concepção aprofundada e vivenciada da espiritualidade de cada um à luz dos ensinamentos deixados por Jesus nos quatro evangelhos. Como Filho de Deus, Ele não excluiu ninguém da dimensão corporal e nem da dimensão transcendental da vida humana.

Partiu-se, portanto, de como nós concebemos a pessoa humana na sua unidade humano-espiritual. Seguiu-se pelo caminho pedregoso do Êxodo até chegarmos à experiência concreta das comunidades do Novo Testamento, com o propósito de tornar a consciência sempre atenta à revelação daquilo que Deus nos pede, hoje, em nossa vida e em nossa história como povo de Deus.

Em segundo lugar, tomaremos os quatro evangelhos como manuais de experiência de iniciação cristã e desenvolvimento progressivo da vida humana na sua unidade, a exemplo das comunidades do tempo de Jesus.

Veremos ainda como estas comunidades continuaram fazendo esta mesma experiência, em contextos diferentes, depois que Jesus subiu aos céus e enviou o Espírito de Amor aos apóstolos, Maria de Nazaré com outras mulheres presentes e os parentes mais próximos do Mestre.

Em terceiro lugar, este livro apresenta um caminho bastante descritivo e sistematizado do seguimento de Jesus para chegar à vivência desta original experiência em nossos dias. Este caminho pode nos ajudar a perseguir a experiência espiritual da nossa vida humana animada pelo Espírito do Ressuscitado que habita em nós e pela transcendência da nossa corporalidade que dá sentido a nossa labuta cotidiana.

Parte primeira

COMO CONCEBEMOS A PESSOA HUMANA

A primeira coisa que precisamos aprender a respeito da espiritualidade a partir da Bíblia é que tanto o Antigo quanto o Novo Testamento não concebem a pessoa em uma parte espiritual e outra corporal.

Para a Bíblia, a vida espiritual é a totalidade da vida humana, porque a pessoa é considerada como um todo, e não em uma divisão de corpo e de alma.

Quando falamos da vida espiritual, portanto, referimo-nos à totalidade de uma vida motivada pelo Espírito de Deus, independentemente de sua crença, religião ou fé em outra divindade que não seja cristã, como também ideia ou concepção de tal pessoa sobre a vida em sua plenitude.

I. A concepção bíblica de vida¹

O conceito que torna a pessoa humana uma alma aprisionada no corpo não possui sua origem na Bíblia, mas no Irã; só mais tarde, isso se deu em parte da filosofia grega. Esta penetrou na teologia cristã a partir do I século, firmando-se no século IV. Para os gregos, somos tanto mais espirituais quanto mais negamos a realidade física, corpórea, material. Tanto no Antigo Testamento quanto nos Evangelhos, é a totalidade do ser humano que é chamada à vida no Espírito. Portanto, viver uma vida espiritual não é um modo de sentir a presença de Deus. Nem uma maneira de crer. “Não é aquele que diz Senhor, Senhor, que entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus”, diz Jesus.

A espiritualidade é, pois, um modo de viver, é viver a vida segundo o Espírito. A vida segundo o Espírito unifica as duas dimensões da pessoa humana, a corporal e a espiritual. Elas não possuem autonomia absoluta de uma sobre a outra, mas ambas se associam em unidade e mútua dependência, assim como foram concebidas por Deus (cf. Gn 2,7). A autonomia que, segundo os casos, cada uma destas dimensões tem, é determinada pelas condições históricas concretas nas quais devem se encarnar.²

¹ Para completar este estudo, é bom consultar a série III de José de Comblin, **Antropologia cristã** (Petrópolis: Vozes, 1985. p. 189). Todo o capítulo III do livro **Beber no próprio poço**, de Gustavo Gutierrez (Petrópolis: Vozes, 1985, p.114ss). A espiritualidade vista em perspectiva antropológica é luz para as pessoas autênticas, que diante da realidade e da história fizeram uma clara opção para os valores cristãos, opção decisiva, fundamental e unificante, capaz de dar um sentido profundo à existência. Supera-se com isto uma mentalidade estreita, que fazia da espiritualidade o monopólio dos cristãos ou até de uma categoria destes, como padres, freiras e monges. Hoje se retém que a espiritualidade seja atribuída a toda pessoa aberta ao ministério e que vive segundo as suas verdadeiras dimensões.

² Ignacio Ellacuría foi reitor da Universidade Católica de San Salvador. A equipe da revista **Convergência** (n. 184, p. 378-385, 1985) traduziu e publicou um artigo do autor, intitulado “Espiritualidade cristã”, no qual ele aborda a questão do espiritual e do material no campo da espiritualidade.

1) A criação na espiritualidade humano-cristã

Partimos do princípio de que a Bíblia considera a pessoa humana uma *unidade* e não dois compartimentos, corpo e alma, estas duas dimensões são, plenamente, integradas e em absoluta dependência do sopro de Deus, Seu *nefesh*, de Seu espírito, *ruah*. O texto principal da Tradição que confirma esta proposição é o da criação do ser humano: Então Javé Deus modelou o ser humano com a argila do solo, insuflou em Suas narinas um hálito de vida e esse ser humano se tornou um ser vivente (cf. Gn 2,7).

Essa narrativa do mito adâmico nos apresenta o ato criador de Deus em dois tempos: no primeiro, Deus modela com o barro da terra uma forma humana; no segundo ato, Ele sopra nas narinas desse barro feito em forma humana um princípio de vida (*nesamah*, *nefesh*), que o faz um “ser vivente”. Encontramos aqui a origem primeira da profunda unidade no interior do ser humano, o qual, a partir do início da criação, sempre foi uma unidade integrada e global. Notamos que a forma modelada no barro se tornou “ser vivente” a partir do momento em que Deus Criador lhe insuflou Seu Espírito. Foi toda a forma modelada que se tornou “ser vivente” e não só uma parte dela.

Os semitas costumam referir-se às coisas espirituais com palavras muito concretas. Para falar de conversão, por exemplo, eles usam vocábulos como estrada, via, caminho, e assim por diante. O povo de Israel não especula a essência do Espírito de vida que sai de Javé. Interessa-se apenas por Sua atividade e O reconhece porque age nas suas criaturas (cf. Jl 3,1-5).

Jó também fala da ação que intervém na formação da criatura humana: “Foi o espírito de Deus que me fez, e o sopro de *Shaddai* que me animou” (Jó 33,4). Se o ato criador de Deus é uma atividade de Seu Espírito, todas as obras criadas por Ele vêm marcadas pela unidade inquebrantável, pela totalidade inseparável e pela igualdade radical que tais obras trazem desde suas origens.

Esta concepção não dá lugar para uma separação do ato criador da primeira célula humana, *Adam*, da qual Deus criou homem e mulher em uma fusão indiferenciada.³ O autor sagrado assim se expressa a respeito do Criador: Façamos o *Adam* a nossa imagem e semelhança. Eles cuidarão da criação. A narrativa fala no plural. O verbo “dominarão” foi interpretado, por muito tempo, a partir de um sentido de autoridade soberana sobre os seres plasmados por Deus a ponto de fazer deles o que a pessoas quisessem. Ao contrário, o propósito de Deus não era esse, assim como não o é também em nossos dias. Ele criou o homem e a mulher não para dominar sobre a criação divina, mas para fazê-la crescer e respeitá-la em seu ritmo de vida (cf. Gn 1,26-27). Por esse motivo, nós utilizamos o verbo “cuidarão”.

Adam encerra uma vida plural, que é a ação do Deus Criador que ordena toda a criação à unidade. O Espírito de Deus é princípio vital de unidade, o qual se revela na pluralidade e na diversidade da vida. As duas dimensões do ser humano, a espiritual e a material, a partir do ato criador, são duas forças que se abraçam e se complementam. Poderíamos denominá-las princípios de força interior, princípios dinâmicos que impulsionam a pessoa para a comunhão e à participação.

2) A pessoa humana é ordenada à comunhão

A dinâmica da força interior a qual se manifesta na vida e nos gestos da pessoa humana encontra sua expressão no Espírito, a *ruah* e na palavra *dabar* de Javé, o que vem confirmar a profunda unidade que existe entre a atividade do Espírito e Sua encarnação nas pessoas criadas e nos processos históricos. Assim, temos o Espírito divino que cria (cf. Sl 33[32],6), encarna-se na história pela Palavra, o Verbo, porque Ele é a Imagem do Deus invisível (cf. Cl 1,15), que agora, é um Ser concreto entre nós. Em Jesus Cristo, essa Palavra se fez humana e única como Filho de Deus, para que a humanidade pudesse conhecer o Pai através do Filho.

³ Conferir com o artigo da teóloga Ana Roy, intitulado “O ministério da mulher”, na revista **Convergência** (1980, p..415ss).

Como Palavra do Pai, Jesus Cristo realizou essa unidade perfeita com Ele e com a humanidade, e esta entre si. Toda a criatura, portanto, plasmada pelas mãos de Deus, não pode ser considerada, isoladamente. Pela natureza de sua criação, ela é um ser ordenado para a comunhão e à participação, como já afirmamos. Saindo de si mesma, aprende a amar, recria-se em Cristo (cf. Ef 2,14-18), que é a imagem de Deus (cf. Rm 8,29), alcança a retidão primitiva e, a partir desta, instaura na sociedade uma nova ordem (cf. Cl 3,11). Essa nova ordem integra, une, faz desaparecer as divisões que distanciam, elimina as discriminações, para que tudo se refaça na unidade de Cristo. Como Jesus fez a experiência humana aberta ao transcendente durante Sua vida terrena?

3) O testemunho de Jesus

A integração das duas dimensões da pessoa humana, a humano-espiritual, alcança sua realização perfeita no Mistério da Encarnação. Aqui, na Pessoa de Jesus Cristo, ambas as dimensões estão juntas, ainda que uma delas, a divina, não manifestada. Jesus mostrou isso em Sua prática também. Não separou as necessidades espirituais das exigências materiais da vida humana em geral, sobretudo das pessoas que se aproximavam d'Ele.

Mas Jesus ultrapassa essa dimensão das necessidades imediatas, fazendo-as alcançar seu ponto mais alto no relato de João, quando Ele diz que a multidão devia procurá-Lo não só pelo pão que sacia o estômago, mas, sobretudo, pelo pão que sacia a fome do espírito uma vez por todas (cf. Jo 6,22-27). A leitura desse e de outros episódios nos leva a encontrar a confirmação de que a fonte da espiritualidade de Jesus vem da força que O impele a buscar, decididamente, pelo projeto da vida que é definitiva, uma vida que diz respeito à pessoa plena, em seu corpo e em seu espírito.⁴

⁴ Tente fazer um estudo comparativo entre a narrativa de Marcos 6,34-44 e a de João 6,22-27, para descobrir qual é a verdadeira vida segundo esse ensinamento de Jesus.

A experiência que Jesus fez do Êxodo vivido por Seu povo nos oferece uma ideia bastante clara de como plenificar a nossa caminhada de travessia desse Êxodo para a vida eterna da Trindade Santa e Inefável.

As várias manifestações dessa caminhada de êxodo assumem as dimensões históricas de cada época, de lugar para lugar. Por isso, a interrogação que se coloca não é preferir mais a alma que o corpo, mas saber como discernir o Espírito de Deus em si mesmo e no mundo, em perceber a diferença entre o Espírito Santo e todos os outros espíritos que podem levar ao mal e seu pecado.

O evangelista João deixa-nos este mandamento: “Caríssimos, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo” (1Jo 4,1). É preciso certificar-se se aqueles que dizem ser do Espírito de Deus, ao contrário, são, na realidade, conduzidos pelo espírito do mundo. O cristão batizado que vive essa espiritualidade possui o discernimento de reconhecer o espírito da verdade e o espírito do erro. O tema dos dois espíritos é conhecido no judaísmo, sobretudo em Qumrã.

Nossa tentativa é ir descobrindo como o Espírito de Deus se manifesta em nossas vidas, sob quais formas Ele se revela em nossas obras e no dinamismo que nos impulsiona de dentro para fora, a exemplo de Jesus. Com a vida que levou ao pregar o Reino, Ele nos ensina como viver o Êxodo da vida terrena em vista da plenitude da vida que ainda só entrevemos, mas que podemos antegozá-la a partir de nossa caminhada terrena.

II. O Êxodo do povo de Israel

O livro que narra a história do povo de Israel como uma experiência de vida que funda suas raízes na revelação de Deus aos homens e às mulheres daquela época, vivendo em circunstâncias bem determinadas e concretas, é o Êxodo. Os acontecimentos da vida social, política e religiosa que marcavam a caminhada do povo hebreu também revelavam a intervenção e a presença de Deus na história de Seu povo. Por isso, a religião israelítica é uma religião histórica, o que nos leva a aprofundar e a confessar de que a nossa fé é histórica.

O Pentateuco, que reproduz a história destas relações de Deus com Seu povo e o mundo que o circundava, é o fundamento da religião judaica. É encontrado, sobretudo, no livro do Êxodo, o qual esboça a libertação de Israel por meio dos fatos e dos acontecimentos narrados por esse livro. Em tais narrativas, Deus vem como o Libertador de Seu povo, livrando-o não só da escravidão, mas também de suas consequências para a vida humano-espiritual.

De fato, a primeira ação libertadora de Deus foi libertar os hebreus da opressão e da escravidão do Egito. Nesse caso, o povo judeu está sendo libertado não só de sua escravidão pessoal, mas daquela dos egípcios que os estavam oprimindo e explorando.⁵ O que Israel pensava de Deus não era o resultado de especulações e raciocínios, mas de uma experiência concreta, histórica, pela fé, em um Deus experimentado e encontrado na história.⁶

⁵ Albert Nolan é um padre dominicano que trabalha em favor da libertação dos negros na África do Sul. Nasceu na cidade do Cabo, fez-se dominicano e participou do Capítulo-Geral de sua Ordem em 1982, em Roma. Nessa oportunidade, seus irmãos de Ordem quiseram elegê-lo geral. Depois de madura reflexão e oração profundas, renunciou ao cargo pela missão que estava desenvolvendo entre os negros da África do Sul. Explicados os motivos, o Capítulo-Geral aceitou a renúncia. Ele escreveu **Espiritualidade da justiça e do amor** (Paulinas, 1985). É um livro de espiritualidade com características semelhantes a nossa espiritualidade. Nas páginas 35 e 40 da referida obra, ele aborda a questão da justiça no pensar de Jesus.

⁶ FOHRER, Georg.. **Storia della religione israelitica**. Brescia: Queriniana, 1985, p. 28.